

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de **A Velha Guarda**

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

## SEM POLÍTICA

### DESMASCARANDO UM VENAL

**Onde se conta duma jantarada requerida pelo snr. Alfredo Guimarães com o fim de fugir aos seus compromissos**

Não nos move animosidade alguma contra a pessoa do sr. Alfredo Guimarães.

Muito menos, politicamente, nos interessa, como não possuímos procuração de quemquer que seja para satisfazer vinganças—se é que julgamos existir.

A insistencia no ataque provém do desejo de vermos continuada uma obra que reputamos de grande interesse para Guimarães, e que não pode parar só porque à frente dela tem estado um venal que exorbitou nos gastos e que marcou de sobremaneira as suas táras de «empreiteiro», de fraco «arqueólogo» e de réles «nefelibata».

Aqui, fala-se claro, sem tibiezas que envergonhem e sem receios de desmentido.

O facto da delacção feita só em léria, nem lembra já, porque é tam mesquinho e tão indigno, que causar-nos-ia náuseas só de lembrá-lo.

A política está posta de lado, e, se alguma fazemos ou vimos fazendo, ela é a política nobre e santa da Nossa Terra.

O contrário é ilogismo, é absurdo, é toleima.

Tudo o que se tem dito e afirmado nas colunas do nosso jornal, só um dever no-lo dita—o dever de salvaguardar as bolsas dos incautos e de zelar os dinheiros do Estado.

Sim, caros leitores. O resto é farfallice que não pega, é canto de serena que aborrece pelo estafado estribilho.

Quem assim o não julgar, que nos desminta!

\* \* \*

Já apontamos ao sr. Alfredo Guimarães a sua venalidade, tanto em conhecimentos de arte como em administrar dinheiros que lhe não ardem.

Enumeramos uma a uma as suas tremendas responsabilidades artísticas, que férem fundo a sensibilidade dos verdadeiros artistas e que provocam repáros aos menos conscientes mestres-pedreiros, tal a inconsciência com que é se abalança a assumir responsabilidades e com que pratica horrendos crimes d'arte:

a) — O desmoronar da cornija exterior;

b) — A barragem duma janela que o acaso descobriu e para o que lhe chamaram a atenção;

c) — O assentamento do travessamento sôbre a cachorrada interior;

d) — A incrustação de brazões nas paredes do Claustro;

e) — O emprêgo de madeira «Brasil» para um tecto quando tudo mandava que o fizesse em «castanho», dada a antiguidade da construção; e

f) — A barbarie de mandar partir uma pedra tumular que existia na igreja de Santa Clara.

Já nos referimos também ao caos da administração financeira daquelas obras, em que gastou somas avultadíssimas, em que desperdiçou dinheiros em seu gasto próprio e em que gerou umas dezenas de papalvos que arderam com a massa e a quem se nega passar recibos, num propósito que os amedronta—venham eles agora dizer que não, repetimo-lo.

Sabemos mais: Logo no início das obras, um cavalheiro houve, o sr. Alberto Gomes Alves, que se ofereceu para fazer a escrita do Museu, a quem o sr. Alfredo Guimarães agradeceu, mas que nunca chamou para... guádio dos seus insaciáveis desejos... de fazer tudo aquilo por *contas de saço*.

E depois... a geiteira que tem para «embarrilar» os seus crédores...!

Que o digam os mestres Alvaro Alves Pinto, o João da Mota e o João Três Reis que foram ludibriados pelo garganteio do *insigne* «remendão» que, com promessas e mais promessas, os levou a pagar aquela *célebre* jantarada na casa do João da Mota, e que é mais conhecida pela *história das tripas*.

¿Não conhecem?

Pois aí vai, se não com todos os pormenores, pelo menos com toda a verdade:

Os três alminhas do Senhor, depois de terem fornecido matérias, operarios e dinheiro

para as encomendas do illustre investigador e arqueólogo, apresentaram as suas contas, entretanto que continuaram nos mesmos fornecimentos, que atingiam já cifra rasoável, para cumprirem a assistência dos pedidos e patenteando o seu contentamento por acharem, no Museu Alberto Sampaio, um bocadito de trabalho que os remediava, dada a avassaladora crise que atravessavam. Um mês, dois meses... vinte contos... trinta e quarenta, e nada.

— «Eu espero o dinheiro das subscrições, o dinheiro do Governo, e paga-se tudo. Não sei até se já estará em Braga ou no Porto.

«Um de vocês pode emprestar-me cem escudos que eu vou lá vêr, e trago-o, com certeza!»

Três meses, quatro, até que resolveram ir em Comissão junto do *omnisapiente* pedir-lhe o seu rico dinheiro, «que ele era sangue».

Uma tosse convulsa— «estou muito mal»... — e logo fâscoo-lhe o génio... da trantada, num lampejo!

— «Sabem o que eu comia, agora? Umas tripinhas...!»

Entreolharam-se os «cristos» e, na esperança de receber o seu *rapado* e sobrecarregado dinheiro, vá de fazer a vontade ao esfomeado «debuxador» de tábuas do século XII e de abalada foram até a casa do João da Mota, após terem dito que sim e depois de terem ouvido da boca do poeta *minoso* a frase retumbante: «Já deveria estar arranjada essa comidinha».

Feito o jantar, com tripas e tudo, comeram de súcia e o pseudo-director bebeu-lhe copiosamente, ficando em tal estado, que deitou brinde.

O que disse, não o sabemos. Houve alguém que nos reproduziu uma frase que revêla a falta de escrúpulos do sr. Alfredo e que marca bem o desejo de endrominar o papalvo que se tornava crédor do Museu Alberto Sampaio. Ei-la, para que todos conheçam a péste que assentou arraias nesta infeliz terra e que esteriotipa o «palhaço» mais completo que se tem visto no palco desta sociedade: «*Bebo pela saúde dos meus amigos e hei-de ter sempre em consideração aquêles que tomaram compromissos comigo*».

Edificante, hein?! E' o tinas...!

Este número foi visado pela Comissão de Censura

## VELHARIAS FORENSES

Por Eduardo d'Almeida

IV

(Continuação)

Os crimes de envenenamento impressionam supersticiosamente a viva imaginação popular. Além do crime físico, somos arrastados, como por efeito de magia, a ver o tenebroso das almas. O jeito assustado e cobarde, reflectido e ao mesmo tempo impulsivo, hesitante mas obstinado, da mão que propina o veneno, parece querer revelar-nos e instintivamente nos sugere um drama ensombrado de mistério. Lares desfeitos, amantes desavindos, ciumes históricos, rivalidades de cortezãs, lubricidade dos degenerados sensuais antagonismos políticos, desejos fervorosos e friamente desvairados do poder e do dinheiro... Nos anais judiciais marcou o processo da Senhora Lafarge, que tanta celeuma levantou entre os peritos, nomeadamente com o célebre Orfila e fez correr imensos róis de papel impresso. Outro, de escandalosa fama, foi o da Senhora Lacoste, cuja história, no livro *Les Procès Burlesques*, que faz parte da collecção «enigmas e dramas judiciais de outrora», Pierre Bouchardou, revive com inteligente precisão. As suas *Maria Capela* e *Eufémia Verger*, são acusadas de haver envenenado os maridos, com arsénico. Lafarge foi condenada a prisão perpétua; Lacoste, contra esmagadoras provas, absolvida. Ao ter conhecimento da absolvição, Lafarge, na cadeia de Montpellier, escrevia: «*Madame Lacoste foi absolvida... Foi a minha sombra que a defendeu!... Deus oculta uma virtude nas lágrimas, uma lição no sofrimento. Fez mais, pela humanidade, Calas morto do que Calas vivo. Laterde, enlouquecendo, abalou mais as torres da Bastilha que o furacão revolucionário que o vingava. Não são os grandes, os altos infortunios que mais comovem a consciencia popular; são os infortunios humildes, obscuros, quando imerecidos. Deus seja louvado! Recompensa o meu martírio, recordá-lo para dêle tirar um benefício. Amarga alucinação do cativo!*» Estas palavras revelam bem a psicologia da envenenadora. Conta Bouchardou que a Senhora Lacoste, depois de anos de miséria, arruinada e perdida, entrou no *Convento das Arrepentidas*.

A literatura romântica tem aproveitado «o Tema de envenenamento», como se diz nos compêndios escolares. Quando um crime do género abala e agita a opinião pública, multiplicam-se os romances em que vem pintadas as heroínas e as vítimas da droga fatal. (E' certo que, hoje, o envenenamento, sobretudo o suicídio pelo envenenamento, se pratica em larga escala, a coberto ou à margem do Código Penal, senão com a perfeita complacencia dos médicos e da familia: o vício da cocaina, assombrosamente espalhado, e muitas *especialidades farmaceuticas* de grande fama). Meu bom exemplo dessa literatura é o romance de *François Mauria* e intitulado — *Thérèse Des queyroux* —. Penetante e subtil a análise psicoló-

gica da envenenadora, um pouco sonâmbula, um pouco obstinada, que começa o seu crime por um acto de silencio, à mesa, quando o marido, fantoche agressivo para o seu temperamento de apaixonada elanguescencia, distraído pela noticia do pinhal incendiado, vai deixando cair no copo de água as gotas do licór de Foulter, e, tendo-se levantado da mesa, volta a tomar o remédio. Calou-se por preguiça, talvez por fadiga, mas não havia premeditação. O crime de envenenamento é insidioso até, muitas vezes, na sua origem, na forma como o criminoso se deixa levar a cometê-lo. Chamado o médico á cabeceira do marido, cheio de vômitos, soluçante de lágrimas, Teresa cala-se ainda. Podia ser outra a causa do incómodo, sem ser o arsénico. E, como para satisfazer a curiosidade de o verificar, passados dias, antes do marido entrar na sala de jantar, deita-lhe no copo algumas gotas de licór de Foulter. «Só uma vez, só esta vez!» O estudo do crime está modelarmente seguido.

Não admira que, naquela tarde, o alarme de um envenenamento na Rua de Trás-o-Muro apaixonasse fortemente a povoação. Toda a curiosidade se aguçava por saber se estariam os dois, marido e mulher, na cosinha, quando o marido, se foi o marido, lançou o veneno no caldo, que haviam de comer os pais e sogros. Supurtaria mesmo a filha, na terrível cumplicidade do silencio, o crime que seu marido estava preparando e cometendo contra a vida de seu pae e de sua mãe? Onde estava ela, o seu coração de filha, o seu grito de mulher, ao ver a mãe levantar-se nos extremos da aflicção escaldante, e fugir desvairada, a cair e a desmaiar, para ir morrer longe dos seus assassinos? A dose era tam forte que logo se sentiram os efeitos. Os médicos vieram imediatamente—o envenenamento era de toda a evidencia.

No mesmo ano do crime, em Janeiro, Manuel Antonio e mulher Custódia Maria, alegando o receio de que seu genro «lhes queria formar algum crime» requereram em juizo *carta de seguro, negativa*, á cautela: ou seja, as futuras vítimas de um crime praticado pelo genro, viviam no receio de que o genro as fizesse prender sob a falsa acusação de um crime que lhes attribuisse e não houvessem praticado! A carta é passada pelo *Doutor José Caetano Peixoto Martins Barroso*, do Desembargo de Sua Magestade e Corregeda com alçada na então vila de Guimarães e por ela segura aos supplicantes Manuel Antonio... e Custódia Maria... «de todos os crimes que na mesma petição, expuzeram», e dos mais de que as possa segurar», no prazo de dezoito dias, que se iriam renovando, devendo os segurados acudir ás audiencias do Tribunal. Esta vida de inferno durou pelo menos até Março. Até que o genro as envenenava!



## BONS REPUBLICANOS e maus republicanos

Evidentemente, ao proclamarmos a República não podíamos rodeá-la de uma alta muralha da China, inacessível a todos os monárquicos.

Pelo contrário. O nosso desejo mais sincero, o nosso desejo mais ardente, era este: que viessem para a República todos os portugueses de boa fé, todos os patriotas sinceros, desejosos de cortar em absoluto com o passado.

E, na verdade, integraram-se no novo regime, lealmente e nobremente, muitos antigos monárquicos que nos merecem hoje a mais alta consideração, o melhor e mais sincero respeito.

Estão filiados nas no Partido Democrático. Estão filiados outros no Partido Nacionalista, na Acção Republicana ou na esquerda Democrática.

Evolucionaram outros, ainda, para os radicais ou para os socialistas. São homens que quiseram progredir. Homens que entenderam não poder estar o futuro de uma pátria eternamente algemado a um sistema político envelhecido, desacreditado e deshonrado.

Muitos desses antigos monárquicos têm combatido já, entusiasticamente, ao lado dos antigos republicanos, pela consolidação e pela glória da República.

Muitos desses antigos monárquicos têm sabido conquistar, pela sua lealdade, pela dedicação ao novo regime, a carinhosa simpatia de todos nós.

Esses antigos monárquicos estão bem dentro da República. Honram e dignificam a República.

\* \* \*

Mas há monárquicos que vieram para a República com uma única aspiração: comer.

Com uma única ambição: subir. Com uma única preocupação: medrar, em honras e proveitos—pouco se importando, para isso, de arredar, de atropelar, de prejudicar todos os velhos republicanos que pelo regime sempre se tem sacrificado.

Esses arrivistas, esses aventureiros sem escrúpulos e sem talento, esses intrigantes ambiciosos, assaltaram todos os postos da República, em uma enraivada sofreguidão de lucros e de vaidade satisfeitas.

Sentaram-se no Parlamento. Sobraram pastas de ministro. Apoderaram-se dos mais rendosos e dos mais representativos lugares da República.

O crime revelava-se assim bem singularmente arripante. O cônego Pereira Lopes, aparentado com parentes meus, escrevia no seu caderno de memórias: «Morreu dentro em 4 horas uma mulher na rua Nova com solimão que lhe deitou no caldo seu genro e filha. Foi sepultada na igreja da Misericórdia».

Que excruciante agonia, em que pavorosa tortura faleceu esta pobre mulher!

As testemunhas ouvidas na devassa—e nota-se que o juiz procedeu com decidida energia—confirmavam as suspeitas. O genro publicamente afirmava que havia de matar os sogros. Armava-lhes continuas desavenças e arrelias. Perseguiu-os com bruto ódio. Queria a casa inteiramente desimpediada—é o que é. Os bens do réu foram sequestrados e ordenada a sua remoção para as cadeias da Relação do Porto. Mas o homem jurou que não ia a pé: que mandassem alugar duas bestas, uma para ele outra para a mulher, e que as pagassem á custa dos trastes que lhes haviam sequestrado. Bons trastes—não há duvida!

gares da República, em uma invasão vergonhosa, ascorosa, degradante.

E, contudo, quando a República correu algum perigo, quando foi necessário fazer o menor sacrificio pela República, se tornou indispensável socorrer algum republicano necessitado, quem é que viu esses açambarcadores de empregos e de honrarias?

Quem é que deu por eles? Esses traficantes rojam-se diante de todas as situações.

E nem quando essas mesmas situações, enojadas de tanta subserviência e de tanta baixeza, os sacodem a pontapés—teem um gesto de pundonor, de brio, de dignidade politica.

Encolhem-se no seu egoismo tórpe. Acomodam-se no seu viderismo cauteloso. Só deitam a cabeça de fóra da tóca, para ver quando poderão, á custa do sacrificio dos outros, assaltar as mesmas pastas e as mesmas postas. Póde isto continuar?

Ribeiro de Carvalho.

Da «República».

## Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda»

Trazendo a organização do ensino Técnico profissional, ultimamente publicada no «Diário do Governo», os maiores benefícios aos individuos que se destinam á carreira da industria ou do comércio, é de crer que a população escolar, já de si grande, do nosso estabelecimento técnico, aumente consideravelmente em o próximo ano lectivo.

Diz a fólha oficial que aos individuos habilitados com os cursos industriais, é concedida preferência nos serviços autónomos, nos serviços fabris do Estado, nas companhias que tenham contratos com o Estado ou dele usufruam concessões noutros serviços profissionais do Estado.

E que aos individuos habilitados com os cursos comerciais, é concedido o direito á admissão aos concursos para aspirantes de finanças, para escrivães e contadores, ou para empregados nas secretarias dos corpos administrativos, e preferência para os serviços de secretaria dos outros estabelecimentos de ensino.

Ainda outras regalias auferem, todas de grande importancia, alem da magnifica bagagem com que ali preparam quer a sua educação plastica, quer a educação geral do espirito e scientifica, quer, finalmente a educação profissional, sendo o ensino efectuado nas Escolas técnicas, considerado, como diz o diploma publicado, de character secundário.

## Quadras do S. João

(Ao Alberto V. Braga).

As sortes irei deitar Na noite de S. João; Eu próprio quero enganar O meu pobre coração.

De viver assim, sózinho, Ardente fé me nasceu; Tivesse eu geito p'ra Santo Que mulheres t'ria eu.

De tão subtil que é O cheiro do mangerico, Té orvalha o coração Que d'affectos é o mais rico.

Subamos á Fonte Santa Os dois, muito caladinhos... Da fonte, a água que canta Calará os teus beijinhos.

Repenica, repenica, Beija outra vez, meu amor! Beijos dados neste dia Não te fazem pecador.

Junho de 1930. L. COELHO

## Esqueçamos o passado!

Cumpriram-se as palavras que um plenipotenciário inglez que viveu entre nós, disse há muitos anos: «Se quereis ver os portugueses vencidos, deixai-os uns com os outros».

Não sabemos reagir contra este mal, que é já velho, pois data nas nossas veias desde há séculos.

E assim, sem nos apercebermos das intenções dos nossos inimigos—os monárquicos—que nos acompanharam para toda a parte, numa falsa submissão á República, fizemos côro com eles nos ataques ás figuras mais representativas do regimen.

Acusamos os ministros das corrupções mais tórpes e das incompetências mais ignoras. Jogamos epitetos cruéis, em que nem faltaram os de traidores. As discussões doutrinaes e técnicas, mesmo na assembleia parlamentar, que devia ser modelo de assembleias, descambavam sempre para o campo pessoal.

Não me venham dizer que não lhes pesa na consciencia o pecado de terem concorrido para gerar o atizar de ódios entre os servidores da República! Chegou o momento de nos penitenciar-mos de não termos reagido perante a onda de ódios e insinuações malévolas que não pouparam as mais intemeratas reputações.

E' necessário não estarmos a alimentar mais esperanças aos monárquicos, para que estes não tenham illusões, nos processos novos, que os republicanos teem de empregar, logo que a ditadura deia por finda a sua missão. O despertar da consciencia do paiz, que aneia pela realisação duma República mais verdadeiramente, estruturalmente republicana, são factos incontestáveis, que nenhum reaccionário, por mais venenoso que seja, póde desmentir. E' que, na verdade, começa a compreender-se em Portugal que a República não entrou até hoje numa era de autentica democracia, apesar do trabalho e da devoção de tanto obscuro apóstolo.

A vida da República tem de manter-se dentro duma ordem e duma disciplina, que não se mantenha apenas artificialmente, mas que, intérpretes das tradições do passado e das exigências do porvir e das conveniências do presente, garanta a umas e outras a sua plena eficacia e o seu fácil triunfo, num regimen de actividade livre e de liberdade inteligente.

Eis o que pensam todos os republicanos sinceros. Eis uma das razões, porque alguns republicanos em evidência, se penitenciar-m já em público, dos erros passados, e propõem o esquecimento.

Esquecer o passado, é um acto de fé republicana, que todos os bons republicanos devem fazer, sem receio que impenda sobre nós, a ameaça da mais injusta das apreciações.

ALBANO CRUZ.

## Ainda o falecimento do honrado Gomes Alves, chefe da Secretaria da Câmara

Continúa a familia do saudoso extinto a receber muitos telegramas, cartas e cartões de condolências, avultando dentre estas algumas que marcam com inteireza a justiça que se deve fazer ao findo Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, quer pela categoria das pessoas que as subscrevem quer por traduzirem a exacta expressão de pensar daquelles que rrialmente sentiram profundamente a perda do amigo. Hoje, por se tratar dum antigo Presidente da Câmara, publicamos uma carta que á viuva foi dirigida de Paris pelo nosso querido correligionário e Presidente da Comissão Municipal do Partido R. Postugués, sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, onde a figura moral de José Maria Gomes Alves é focada com relevo e carinho.

Ex.<sup>ma</sup> Viuva de José Maria Gomes Alves.

Minha Senhora:

Com profunda mágoa tive conhecimento, agora mesmo, da dôr imensa que punge V. Ex.<sup>a</sup> e seus Filhos. Eu tinha por seu marido uma grande estima, que ele bem me merecia pelas suas belas qualidades de carácter e pela forma afectuosa como sempre me tratou.

Sinto a sua perda como amigo, mas, tambem e muito, como vime-ranense: as vereações tinham nele um leal e precioso auxiliar, que só por ineptia se podia pôr de parte, e Guimarães um zelozissimo servidor que com difficuldade será substituído na competência e dedicação com que trabalhava, noite e dia, para bem e conscienciosamente se desempenhar da difficil e trabalhosa missão que estava a seu cargo.

Se este testemunho bem sincero dum antigo presidente da Câmara de Guimarães poder servir para honrar a memória de Gomes Alves, disponha V. Ex.<sup>a</sup> dele como entender.

Curvando-me, reverente e comovidissimo, em meu nome e no de todos os meus antigos companheiros das vereações á que presidi, perante o cadáver daquêlê que foi um honrado, escrupuloso e dignissimo funcionário municipal, beijo respeitosa-mente as mãos de V. Ex.<sup>a</sup>.

Paris, 6 de Junho de 1930.

Mariano da Rocha Felgueiras.

\* \* \*

Por lapso, em o nosso último número esquecemo-nos de fazer referencia aos seguintes cavalheiros que assistiram ao funeral e que eram: José de Sousa Lima, por si e representando seu pai o sr. Antonio José Pereira Lima, António de Freitas Ribeiro, Bernardino Jordão, pela Comissão Municipal do P. R. P., Agostinho Martins da Rocha, João António Ramos, Mário Menezes, representado pelo sr. José Fernandes Guimarães, Manuel da Costa Pedrosa e José Correia.

## QUADRO DE HONRA

Tributo de agradecimento a todos aquêlles que nos leem de graça sem que lhes tenha sido oferecido o jornal:

António Leite de Castro  
Eugénio da Costa Vaz Vieira  
José de Oliveira Guimarães  
Rodrigo Augusto Lopes Pimenta  
António Joaquim de Sousa, das Taipas  
Lourenço da Silva Braga, das Taipas  
Arnaldo Alves Couto, das Taipas  
Francisco da Silva, de Creixomil  
Manuel Fernandes de Oliveira Gonçalves, de Moreira de Cónegos  
José António de Castro Junior, de Urgezes  
Avelino Teixeira, de Urgezes

Lêde e propagai

«A Velha Guarda» Assina! «A Velha Guarda»

## Salvem quantos...

Alguns jornais vêem de longa data imputando a todos os antigos politicos da República, a responsabilidade da situação económica em que o Paiz se encontra.

Não é justo. Nós reconhecemos que de facto, entre eles, alguns houve que não cumpriram bem a missão que a República lhes confiou.

Quem sabe se a maior parte das vêzes até por culpa daquêles que ora nos acusam? O que nos revoltava, porém, é pretender-se envolver na mesma atmosphera de descrédito aquêles que á causa da Pátria e da República deram o melhor do seu esforço e da sua intelligencia e que dirigiram o País com tanta honestidade e competência que levou o estrangeiro a considerá-los como estadistas de primeira plana.

Felizmente que já se começa a fazer-se Justiça.

O actual spr. Ministro da Guerra, num discurso que proferiu em Viana do Castelo, afirmou:

«—Reconheço que entre os antigos politicos havia e há ainda muitos homens de bem».

E' assim mesmo. Havia e há nos antigos politicos homens de bem e felizmente são em muito maior numero.

Da «Gazeta d'Albergaria».

Propagai «A Velha Guarda»

Nem a mais espessa das peles resiste ao aparelho Philips Metalix

Os radiólogos do «Colombo General Hospital» trataram recentemente um caso que decerto não se apresenta todos os dias, quando examinaram, a raios X, um elefante indisposto.

O animal, que trabalhava n'uma plantação de borracha, opunha, estes ultimos tempos, uma certa resistencia aos seus guardas e recceava-se que se tornasse perigoso. Supunha-se que o animal sofria em consequência de algum corpo extranho que se lhe tivesse introduzido na cabeça.

Ficou decidido conduzir o animal ao hospital para o submeter a um exame por meio de raios X. Depois de uma marcha de alguns dias, o animal chegou ao hospital e o tratamento começou immediatamente. Além dos médicos, um numero publico bem como representantes da imprensa estavam presentes.

O elefante farejou com a tromba o aparelho radiológico insalado junto d'ele e depois de o ter examinado fleugmaticamente durante alguns instantes, prestou-se, completamente tranquilo, ao exame.

Revelados os clichés, constatou-se que tinha sido uma pequena bala que tinha atravessado a pele perto da orelha, que ocasionava a dôr. Tinha provavelmente recebido aquela bala quando ainda vivia na floresta.

Depois de ter sido extraída a bala, mediante uma pequena operação, obteve-se a satisfação de verificar que o elefante ficou completamente curado.

PHILIPS RÁDIO

Bernardino Jordão, Filhos & C.<sup>a</sup>

GUIMARÃES